

Resenha

Rita Teixeira²

Família: um lugar de afetos

Resenha crítica sobre o artigo Good enough parenting for all children

– a strategy for a healthier society I, de Hoghughi (1998)

RESUMO

O artigo, Good enough parenting for all children – a strategy for a healthier society, propõe a parentalidade positiva, como uma estratégia de promoção do desenvolvimento das crianças e de prevenção de comportamentos antissociais e ligados ao crime.

ABSTRACT

The article, Good enough parenting for all children – a strategy for a healthier society, propose good parenting as a strategy to promote children's development and prevention of antisocial behaviour and related to crime.

Vou-te contar o tal segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos...

- O essencial é invisível para os olhos – repetiu o principezinho, para nunca mais se esquecer.

- Foi o tempo que tu perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.

- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... - repetiu o principezinho, para nunca mais se esquecer.

- Os homens já se esqueceram desta verdade – disse a raposa. – Mas tu não te deves esquecer dela. Ficas responsável para todo o sempre por aquilo que está preso a ti. Tu és responsável pela tua rosa...

- Sou responsável pela minha rosa... - repetiu o principezinho, para nunca mais se esquecer. (Principezinho, cap. XXI)

1 Parentalidade suficientemente boa para todas as crianças – uma estratégia para uma sociedade saudável.

2 Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra – Portugal.

O artigo, *Good enough parenting for all children – a strategy for a healthier society*, de Hoghughí³ (1998), coloca em cima da mesa o tema da parentalidade positiva como uma estratégia de promoção do desenvolvimento das crianças e de prevenção de comportamentos antissociais e ligados ao crime.

O autor inicia a sua discussão problematizando o papel do estado face ao aumento de casos de violência, que tanto demonstraram a falha da sociedade na melhoria e desenvolvimento da educação infantil, no que diz respeito à prevenção da delinquência e criminalidade. Exemplo disso é o caso do homicídio de James Bulger por duas crianças com 10 anos de idade, em Inglaterra (1993). James de apenas 2 anos, foi sequestrado num centro comercial onde se encontrava com a sua mãe. Arrastado até uma linha ferroviária em Liverpool, foi espancado com tijolos e uma barra de metal e abusado sexualmente pelas duas crianças. Infligido com 42 lesões, entre as quais 22 foram no rosto e na cabeça, acabou por falecer.

Também o homicídio de Stephen Laurence retrata a falência dos governos no que concerne à educação dos seus cidadãos. Esfaqueado por dois adolescentes em 1993, em Inglaterra, Stephen Laurence foi alvo de um crime racista. Os dois jovens foram condenados 18 anos depois do delito e ficou provado que atitudes racistas guiaram os polícias no decorrer do caso.

Como têm, então, os governos e a sociedade olhado para questões basilares como estas? Em que pilares queremos que assentem as casas onde irão crescer as nossas crianças?

Hoghughí propõe o apoio à parentalidade positiva como caminho para a construção de infâncias saudáveis e felizes e como fator protetor contra o desenvolvimento de comportamentos antissociais e disruptivos.

De acordo com o autor, parentalidade associa-se a uma relação, a um processo e a um grupo de atividades positivas direcionadas dos pais para os filhos. O mais interessante na sua proposta é o fato da sua escrita não cair em utopias, na procura de pais perfeitos, mas caminhar em direção a uma definição de parentalidade sustentada no esforço que cada pai faz, por ser o melhor pai que conseguir, de forma a responder às necessidades dos seus filhos. Por conseguinte, prefere o termo *good enough parenting*⁴, ao termo *good parenting*⁵.

É também realista ao atentar-nos para o facto de ser ingénuo continuarmos a considerar apenas as famílias biológicas quando se fala em parentalidade. A promoção de uma infância feliz não mais se esgota no seio da família biológica, mas estende-se para outras redes de afetos. Assim, todas as pessoas que se preocupem com o bem-estar das crianças, a sua estimulação e desenvolvimento,

3 Masud Hoghughí é diretor do Centro de Segurança Aycliffe, para crianças e jovens dos 11 aos 17 anos e Professor de psicologia da Universidade de Hull em Inglaterra.

4 A expressão *good enough parenting*, encontra-se associada à ideia já referida em cima, de que cada pai é o melhor que consegue ser.

5 O termo *good parenting* significa parentalidade positiva.

desde os avós, a família alargada, os amigos da família, os vizinhos, os professores, a comunidade, até aos médicos e às enfermeiras, podem ser incluídas no processo de parentalidade. Nesse sentido, “[...] a parentalidade é transportada para o domínio público: abandona a esfera privada da família face aos valores mais elevados de proteção e promoção dos direitos das crianças e das famílias” (GASPAR, 2012).

Mas por que sugere o autor a parentalidade como estratégia para uma sociedade saudável?

Apoiando-se em referências, como os estudos de Bowlby (1951) e Rutter (1981) sobre o desenvolvimento da Teoria da Vinculação, Hoghughí fala-nos da importância da proteção e do suporte dos pais, nos primeiros cinco anos de vida das crianças, na construção do autoconceito e desenvolvimento de sentimentos básicos de amor e segurança. A presença do apoio ou falta dele influenciará a sua saúde mental e autoestima, determinando o resto da sua infância e grande parte da vida adulta.

No texto são enumeradas 3 componentes básicas que caracterizam o good enough parenting:

1) Amor, Cuidado e Compromisso – as crianças precisam de sentir que são amadas incondicionalmente, resultando este amor no estabelecimento de uma relação de vinculação. Caso a criança seja privada de todo o carinho que necessita, poderá desenvolver um tipo de psicopatia em que é incapaz de sentir ou dar amor a alguém. Consequentemente repercutir-se-á na sua vida ao nível das relações interpessoais;

2) Controlo e estabelecimento de limites – o desenvolvimento do autocontrolo nas crianças é importante para as ajudar a lidar com as situações do mundo exterior. O estabelecimento de limites pretende mostrar-lhes que tipos de comportamentos são aceitáveis ou não. As diretrizes devem ser dadas às crianças com base no amor e não na reprovação, para que estas as aceitem e as coloquem em ações;

3) Facilitar o desenvolvimento – as crianças devem ser estimuladas a fim de se desenvolverem todas as suas potencialidades. *Good enough care*⁶ implica que se criem ambientes estimulantes, desde a infância, passando pela adolescência até a idade adulta.

Ao serem elencados os princípios base do good enough parenting, verificamos que a tónica é colocada na satisfação das necessidades das crianças (que não se limitam mais a condições de habitação, alimentação e vestuário), através do desenvolvimento de competências e criação de estratégias parentais positivas, bem como de ambientes de estimulação que promovam as suas capacidades e colmatem as suas limitações.

⁶ Apesar de uma tradução literal do termo não ser possível, *good enough care*, encontra-se associado à capacidade de cuidar do outro respondendo minimamente às suas necessidades.

Não obstante, somos alertados para o facto de que práticas parentais pobres – not good enough parenting - podem provocar danos ao nível do desenvolvimento. Hoghugui descreve-as em 3 tipos, a saber: tipo A - a falta de amor e de compromisso para com a criança constitui uma barreira no desenvolvimento da mesma, que pode levar a problemas, tais como: personalidade insegura, baixa autoestima, problemas nas relações com os pares, ao nível do casamento e da parentalidade, vários tipos de desordem da personalidade e em casos mais extremos, o despoletar de uma psicopatia em que a criança é incapaz de sentir ou dar amor a alguém; tipo B - as crianças com falta de autocontrolo podem desenvolver problemas de desordem de conduta, comportamentos delinquentes e associados ao crime; tipo C - as crianças negligenciadas no que diz respeito à estimulação das suas capacidades, poderão apresentar problemas de aprendizagem na escola e desenvolver handicap's sociais.

O autor assume assim, como o perigo de uma parentalidade pobre se torna uma possibilidade de prever a criminalidade.

Segundo Stratton et al.,

[...] a trajetória para o comportamento antissocial grave está ligada a práticas parentais ineficazes específicas, durante a infância, quando os pais falham na vinculação com os seus filhos ou em providenciar uma parentalidade responsiva e cuidadora" (Stratton et al., s/d).

A parentalidade pobre é reconhecida como a principal causa do desenvolvimento de comportamentos delinquentes e associados ao crime, na adolescência e na idade adulta. A sua premissa vai sendo sustentada a partir de pesquisas, como o estudo de Cambridge, sobre desenvolvimento delinvente, de Farrington e West (1973), que encontrou quatro dos preditores para o comportamento delinvente:

- 1) parentalidade pobre;
- 2) privação económica;
- 3) criminalidade na família;
- 4) falha na educação.

De acordo com a sua proposta, a parentalidade pobre por ser mais facilmente identificada no início de vida da criança, se apresenta como o fator mais suscetível de responder a uma medida de prevenção de desordens de comportamento. Por outro lado, a falha na educação, por se manifestar tardiamente no desenvolvimento das crianças, deverá constituir-se, também, uma estratégia de prevenção de comportamentos antissociais, ao nível da educação infantil. A este respeito, lembramos GASPAR (2007), que nos traz contribuições da educação pré-escolar como intervenção socioeducativa universal, que ao atuar na promoção da prontidão das aprendizagens escolares

previne o insucesso acadêmico e trajetórias de desenvolvimento desadaptativas. Assegurar uma educação de infância de qualidade ao nível dos cuidados e experiências de aprendizagens, implementadas por educadores dedicados e numa atmosfera estimulante marcada pela previsibilidade surge assim, como a medida de ordem para a promoção de uma infância saudável e feliz.

No final do seu artigo, Hoghughi retoma algumas das questões colocadas no início do mesmo, sobre o papel dos estados no que refere à educação dos nossos jovens e crianças. Nesse sentido defende que os governos deveriam ser considerados os pais da sociedade e adverte que, um not good enough parent por tal autoridade administrativa representará uma falha geral para toda a população.

A esse propósito, recordamos as palavras de Hannah Arendt que nos ensina que,

[...] a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele (...) [e também o lugar] onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós (...) (ARENDR 2011, p. 247).

A responsabilidade pelo mundo de que nos fala Arendt acarreta consigo o comprometimento de proteger e conservar as nossas crianças. Sendo nós, governo, pais, adultos cuidadores e educadores, o meio pelo qual o mundo lhes é apresentado, cabe-nos tocá-las em suas alteridades, escolhendo meticulosamente que tipo de conhecimento moral e instrumental lhes queremos transmitir.

A transição de estratégias parentais pobres para um good enough parent, por parte dos governos, significará que estes verdadeiramente irão cuidar das suas crianças, promovendo o seu bem-estar, mas ao mesmo tempo sendo rígidos e justos sobre os limites e as sanções a serem aplicadas para comportamentos inaceitáveis.

Platão, também nos instiga o pensamento, sobre o papel e a posição dos estados relativamente à educação dos nossos jovens, com uma das suas belíssimas contribuições:

Todo o ser, que se encontra nos primeiros estádios de crescimento, manifesta um enorme impulso para a perfeição natural e para o desenvolvimento final, que lhe é apropriado. E isto é verdadeiro, quer se trate de plantas, quer de animais (domésticos e selvagens), incluindo o homem⁷. Sendo o homem, como nós dizemos, um animal 'doméstico', se ele tiver uma boa educação e a correta disposição natural, será, certamente apto a tornar-se a criatura mais celestial e

⁷ Hoje, face à emergência de múltiplas identidades exigindo o seu reconhecimento, a palavra homem deve ser entendida como ser humano universal.

mais encantadora de todas; mas, se for educado, de forma inadequada e insensata, tornar-se-á o animal mais feroz que à face da Terra existe. Eis porque o Legislador não pode tratar da educação das crianças, de modo precipitado, e como um assunto de secundária importância: deve encarar a reta escolha daquele que vai ficar com o encargo das crianças como algo de crucial relevância e designar Ministro da Educação os melhores cidadãos do Estado" (Leis, VI, p.766, cit. apud Simões, 2007, p.39).

O governo teria então como função criar medidas de suporte para not good enough parents, preconizadas para a adoção de comportamentos e atitudes de parentalidade positiva, tais como: a) berçários disponíveis para todas as crianças aquando do seu nascimento b) bons recursos e assistentes sociais que ajudem as famílias na área dos cuidados c) programas de educação parental para pais adolescentes d) serviços de apoio à criança e) psicopedagogos para trabalharem com crianças que possuam défice de atenção e distúrbio de hiperatividade, dislexia e problemas de comportamento f) estratégias anti-bullying nas escolas g) estratégias para a prevenção da gravidez na adolescência.

A esperança é um valor presente no diálogo de Hoghughi, que nos incita a acreditar que pais e adultos cuidadores que não educam as suas crianças numa lógica de parentalidade positiva ainda se encontram em posição de transformarem as narrativas das suas vidas, para contribuírem de forma positiva e adequada no desenvolvimento das suas famílias.

Urge assim construirmos lugares de afetos, onde o amor e o carinho representem, eles mesmos, os pilares da nossa casa do cuidar, pois como o Príncipezinho, nós adultos somos responsáveis pelas nossas rosas.

Referências

ARENDDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva. 2011.

FOSTER, J. The Bulger Murder: An act of unparalleled evil: Boys who battered James Bulger to death locked up for 'very many years'. **The Independent**. Acesso em: 20 de Agosto de 2014. 1993. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/the-bulger-murder-an-act-of-unparalleled-evil-boys-who-battered-james-bulger-to-death-locked-up-for-very-many-years-1506568.html>>

GASPAR, M. **No abismo da procura de uma “resposta milagre” para a(s) família(s)**. Conselho de Coordenação. 2012. Acesso em: 18 de agosto 2014. Disponível em: <<http://barometro.com.pt/archives/556>>

GASPAR, M. Educação pré-escolar e promoção do bem-estar na infância e idade adulta: Novos desafios para velhas questões? In A. Fonseca, M. Seabra-Santos & M. Gaspar (Eds). **Psicologia e Educação: Novos e Velhos Temas** (pp. 391-417). Coimbra: Almedina. 2007.

HOGHUGH, M. Archives of disease in childhood: Good enough parenting for all children – a strategy for a healthier society. **The journal of the Royal College of Paediatrics and Child Health** pp. 293-296.1998.

MUIR, H. The Stephen Lawrence case: how it changed Britain. **The Guardian**. 2012. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/uk/2012/jan/03/how-stephen-lawrence-changed-britain>>

SIMÕES, A. **O que é a educação?** Psicologia e Educação: novos e velhos temas. Coimbra: Almedina. 31-52. 2007.

STRATTON, C., et. al. **Os programas de intervenção Incredible Years e o percurso dos Anos Incríveis em Portugal**. s/d